

A CADEIRA DA VERDADE

Peça em 3 actos de RAMADA CURTO. Publicada em 1932.

Representada pela primeira vez no Teatro da Trindade em 18 de Fevereiro de 1932.

[...]

Cena única para os 3 actos: «uma sala mobilada ao gosto moderno em casa de alta burguesia rica». Lisboa, actualidade.

Um jovem cientista, Eduardo, inventou um aparelho destinado a captar a verdade em todas as circunstâncias. Instala-o na sua própria casa, no seio da família, constituída pela mãe, Joana, casada em segundas núpcias, o padraсто, Sequeira, homem de negócios pouco escrupuloso e conquistador impenitente, e duas primas, Júlia e Candinha. Em torno destas personagens gravitam outras, que frequentam a casa: Padre Sá, velho bondoso mas de limitada inteligência, Carlotinha, velha amiga invejosa e intriguista, Fernando, noivo de Candinha e cocainómano, Maria José, amante de Sequeira, Aníbal, amigo dilecto de Eduardo. O «tribunal de consciência» é armado na sala de visitas; ao sentarem-se sucessivamente na cadeira simbólica, as diversas personagens não dizem verdades profundamente reveladoras, porque a sua personalidade mesquinha não lhes permite que ultrapassem o pequeno círculo dos seus fúteis e baixos interesses. Vêm assim à superfície o rancor de Carlotinha, a infidelidade e desonestidade de Sequeira, a motivação interessada do namoro de Fernando, a rivalidade entre Júlia e Maria José. Mas quando chega a vez de o cientista sentar a sua mãe na «cadeira da verdade» e ela, em plena crise sentimental, defende o marido contra o filho, este interrompe o fluxo de verdade para não ouvir a confissão de ódio que a mãe lhe vota. «Os homens precisam da mentira para viver», rematará o seu amigo Aníbal – conclusão que deverá estender-se relativamente ao meio social apodrecido que o autor denuncia.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 160-161.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.